

UM REINO ARMORIAL: O SERTÃO NO ROMANCE D'A PEDRA DO REINO DE ARIANO SUASSUNA

Jossefrania Vieira Martins¹

As páginas que se seguem abordam a problemática da espacialidade histórico e culturalmente tecida em um discurso literário. Para tanto, tomamos como objeto a representação do sertão no *Romance d'A Pedra do Reino*² de Ariano Suassuna. Nossa reflexão caminha no sentido de compreender tal construção discursiva no âmbito da história cultural mergulhando pelos vários caminhos que entremeiam o fazer histórico no seu tratamento com o tema das espacialidades. Afinal, como o sertão é visualizado, enfocado, representado no referido romance? Como podemos verificar uma historicidade da visão de sertão de Ariano Suassuna?

Nas tramas de uma história cultural e simbólica das espacialidades, navegamos em sua experiência discursiva presente entre as veredas da história e da literatura. A consideração da memória em sua faceta agenciadora de identidades nos possibilita adentrar na variedade do campo da história das sensibilidades, na reflexão acerca da experiência sensível e emocional dos homens com os espaços e que acaba por tornar-se um forte elemento constituinte do discurso, especialmente no modo de qualificar as espacialidade. Como destaca Jacques Le Goff (2003, p. 429), “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva”. É preciso destacar ainda que a relação história/literatura resulta do engajamento interdisciplinar e da variedade de objetos disponíveis para serem pensados na produção historiográfica atual.

Ao buscamos a historicidade do sertão construído e moldado pelo olhar de Ariano Suassuna, entendemos tal produção em uma mescla contínua que produz um sertão entre a visibilidade de suas imagens concretas e como estas se misturam à imaginação, as fantasias, aos desejos e memórias projetando tal espaço entre o “real” e o “maravilhoso”. Sendo assim, na demanda de refletir acerca da construção simbólica que envolve esse sertão, percorremos o discurso suassuniano na tentativa de compreender a trama histórico-literária que constrói tal espaço como “o reino armorial”.

¹ Mestranda em História e Espaços do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e Bolsista Capes.

² Obra que vinha escrevendo desde 1958 que foi publicada pela editora José Olympio em 1971 e que é classificada pelo próprio autor como “Romance Armorial brasileiro”.

Essa complexa construção discursiva em torno do sertão se apresenta para nós como uma “representação”, ou seja, cenário e cenas articulam-se textualmente de modo a compor um rosto, uma idéia-síntese, uma configuração – em nosso caso, “espacial”. O problema da representação envolve segundo ressalta Roger Chartier (2002), um próprio redimensionamento do saber e da prática históricos. Situado no âmbito da história cultural, o conceito de representação implica um olhar sobre as práticas que organizam e orientam a realidade social. As “lutas de representação” evocadas por Chartier (2002, p. 73) remetem “às estratégias simbólicas que determinam posições e relações que constroem, para cada classe, grupo ou meio, um “ser-percebido” constitutivo de sua identidade.” Portanto, representação implica poder, significação e identificação, tornando-se um elemento essencial na análise cultural, na operacionalidade dos conceitos, ou seja, no modo como atribuímos valor as experiências vividas ou imaginadas.

Desse modo, no âmbito da história a representação surge como horizonte conceitual na compreensão do próprio processo de elaboração das imagens do mundo, à produção de realidades, à captação do real em sua transcrição prática e discursiva, visto que representação e discurso entrecruzam-se na elaboração do mundo e das experiências humanas. Discursos criam representações, que por sua vez corroboram discursos outros, e aqui retornamos as “lutas de representação” aludidas anteriormente por Chartier (2002).

A literatura, portanto pode ser compreendida como uma representação da realidade, tal representação possui ainda um conteúdo histórico, uma historicidade peculiar. Através de seu discurso, das teias que o envolvem, o fazer literário é ao mesmo tempo uma representação do mundo e fonte produtora de representações diversas do mundo. Sendo assim, na trama que envolve a fabricação de representações mergulhamos na historicidade de uma representação literária do espaço. Interessa-nos o processo que constrói uma representação do sertão no *Romance d’A Pedra do Reino*; processo este, que interliga o autor (Ariano Suassuna) e uma racionalidade própria de seu discurso, de sua obra. É preciso ressaltar ainda que o discurso produz representações espaciais e o espaço é objeto de representação, de significação e de identificação.

A criação literária de Suassuna é habitada por uma série de referências de sua vida, principalmente no tocante a morte de seu pai que constitui o seu grande trauma, o precipício ao redor de sua alma, o tema que justifica todo o seu esforço de

escritor e que alicerça toda a sua visão de mundo expressa em sua vasta obra.³ Do seu mundo interior, mundo preenchido de uma dor descomunal, Suassuna produz mundos imaginativos em sua obra, exorcizando a cada peça de teatro, romance ou poesia através da escrita a marca essencial de sua vida e obra: a morte de seu pai. No cerne desses mundos imaginados criados por Suassuna está o sertão representando toda a memória do pai, tudo o que ele foi, aquilo que deixou, ou seja, suas marcas. Em discurso de posse na Academia Brasileira de Letras (SUASSUNA, 2008, p. 237), o escritor define a influência da relação entre a memória de seu pai e o sertão na sua vida literária:

Foi de meu Pai, João Suassuna, que herdei, entre outras coisas, o amor pelo Sertão, principalmente o da Paraíba, e a admiração por Euclides da Cunha. Posso dizer que, como escritor, eu sou, de certa forma, aquele mesmo menino que perdendo o Pai assassinado no dia 9 de outubro de 1930, passou o resto da vida tentando protestar contra a sua morte através do que faço e do que escrevo, oferecendo-lhe esta precária compensação e, ao mesmo tempo, buscando recuperar sua imagem, através da lembrança, dos depoimentos dos outros, das palavras que o Pai deixou.

Segundo Maria Aparecida Lopes Nogueira (2002), a morte do pai amplia a experiência literária de Ariano Suassuna que vai à caça daquilo que lhe resta das lembranças do pai. Ele começa a percorrer o mundo por meio da biblioteca paterna, lá entrou em contato com Euclides da Cunha, Dostoiévski, Cervantes, Homero e também com Leonardo Motta e com a literatura de cordel, encontros literários que marcam sua produção literária e sua visão de mundo. A lembrança do pai está presente também na trama do *Romance d'A Pedra do Reino*, quando desloca seu enredo para a década de 1930 entrelaçando-a a temporalidades outras. Tal época e os fatos reapresentados por Ariano no referido romance confluem para o contexto em que ocorreu o assassinato de seu pai, tema freqüente de sua obra.

Além da figura do pai e a memória trágica de sua morte, outra referência habita em demasia a produção de Ariano Suassuna: o sertão. O pai e o sertão interligados, colados pelos tempos da infância vividos no interior da Paraíba, especialmente na fazenda Acahuan no município de Souza e na cidade de Taperoá serão elementos constitutivos de sua experiência literária disseminando-se entre o real e o imaginado. Tudo se torna objeto de reflexão e de recriação (NOGUEIRA, 2002), pois o

³ O pai de Ariano Suassuna, o presidente João Suassuna, governou a Paraíba de 1924 a 1928. Em 1930, quando era deputado, foi assassinado por motivos políticos. Sua morte é interligada a morte do então governador da Paraíba, João Pessoa culminando assim, no processo que desencadeou a Revolução de 1930.

universo suassuniano é regido pela reinvenção, pelo reencantamento dos mitos que se dissipam e constroem o sertão como tal.

Um discurso é sempre produto e produtor de imagens e as espacialidades estão envoltas também de imagens que lhe dão rosto e significação. Em nossa reflexão, as imagens espaciais, as projeções que agenciam os espaços encontram-se tramadas pelas palavras. São as palavras adornadas pelas peculiaridades da vida e da memória que norteiam a produção de imagens que se propõe singularizar uma dada concepção de espaço. Nesse sentido, a literatura é um dos meios da cultura que mais produz imagens acerca da relação humana com o espaço. Sendo ela um campo da arte, da manifestação artística e intelectual, torna-se um privilegiado observatório a serviço do historiador acerca da relação imagens/espacos.

O sertão no *Romance d'A Pedra do Reino* é a exemplo do que ressalta Bachelard (1988) em *A poética do espaço*, um desses espaços de posse, um “espaço louvado”, amado e defendido. A estratégia de defesa envolve um conteúdo cultural peculiar que ressalta a singularidade e protagonismo do sertão no âmbito da cultura nacional. Além disso, esse sertão manifesto e apreendido no romance é envolto da imaginação, é uma explosão de imagens cristalizadas, repaginadas, resignificadas e que digladiam entre poética, desejo e realidade.

Sendo assim, habitado por imagens diversas, a literatura de Ariano Suassuna inscreve-se na necessidade de recompor a própria existência, partida ao meio em face do assassinato do pai e os desdobramentos políticos e históricos vivenciados a partir de então. O espaço literário de Suassuna também é habitado por uma explosão de imagens do sertão que visam recuperar o elo paterno, é para reencontrar o pai que Ariano volta-se ao sertão e deposita nessa espacialidade toda a complexidade da conjugação artística que faz mesclando real e fantasia, imaginação e matéria. Nessa criação literária peculiar sobrevive o sonho de sua obra: o “castelo mítico-poético”⁴ erguido pela sua literatura. E assim, o sertão é reapresentado numa explosão de imagens:

[...] nos meus momentos mais ensolarados de devaneio, o próprio Mundo me aparece como uma larga estrada sertaneja, um Taboleiro seco e empoeirado, onde, por entre pedras, cactos e valetes, Rainhas, cavalos, torres, Curingas, Damas, peninchas, Bispos, ases e Peões. Todo esse meu Castelo e os acontecimentos que nele sucedem para sempre, me aparecem como o elemento festivo e sangrento dos sonhos [...]

⁴ Termo utilizado por Maria Aparecida L. Nogueira (2002).

Esse “castelo” é uma metáfora tomada de empréstimo do seu personagem Quaderna e é no sonho envolto da demanda desse “castelo mítico-poético” que situa o seu trabalho literário e sua visão de mundo. Aqui se confunde mais explicitamente os projetos do escritor Ariano Suassuna na confecção do *Romance d’A Pedra do Reino* e a demanda novelosa a que se propõe construir Quaderna, personagem do mesmo romance. Mergulhado nesse projeto de vida e arte está o sertão e as imagens que Suassuna constrói para tal espacialidade, no espaço literário desse escritor o sertão transcenderá sua existência material para imbricar-se nas tramas do simbólico.

Suassuna é bem um exemplo de onde desembocou o regionalismo tradicionalista da década de 1930. Pautado também na defesa da tradição como alicerce para a transformação do real, ele orienta toda a sua concepção de sertão compreendendo-o como último reduto espaço-cultural da tradição; lugar onde ainda reinam os valores ameaçados pelo processo de modernização e é a recriação dessas referências que norteia não somente a sua perspectiva acerca da cultura regional, mas a sua própria noção estética acerca da produção artística. É preciso notar ainda, que apesar de ser herdeiro de uma visão gestada no regionalismo tradicionalista, Suassuna destaca sempre a sua postura “independente” distinguindo-se no sentido de não ter por tarefa mapear e construir um regional “pitoresco”, mas elencar nesse regional “o espírito tradicional e universal” protagonizado no sertão. (SUASSUNA, 2008, p. 47).

Visão que se codifica também na sua representação do sertão no *Romance d’A Pedra do Reino*, tal romance é como atesta Sônia Lúcia Ramalho de Farias (2006) concebido entre 1958 e 1970 no período de intensificação do processo de industrialização e modernização expresso no governo de Kubitschek e no regime militar imposto pelo golpe de 1964. Sendo assim, a missão de recuperar uma “ordem perdida”, restaurar um universo cultural “abafado” e ameaçado pela cultura de massa, pela nova ordem modernizadora, torna-se um projeto não apenas literário, mas também político de Suassuna.

O apego à tradição e mais adiante todos os aspectos que buscam dar conta dessa identificação do sertão a partir do princípio do tradicional tem raízes em fatos históricos que demarcam os sertões paraibanos e desdobram-se no âmbito nacional com a Revolução de 1930. Trata-se das condições históricas e políticas que envolve a morte do pai de Ariano, o ex-governador do estado da Paraíba, João Suassuna acusado de ligação com o assassinato do então governador, João Pessoa. Na trama política, João Suassuna e João Pessoa representavam respectivamente na Paraíba o desdobramento na

crise econômica e política do sistema oligárquico e das relações coronelistas em face da ascensão das forças burguesas e modernizadoras que buscavam impulsionar a industrialização nos diversos setores do país. Os crimes políticos corroboraram na Revolução de 1930, João Pessoa foi mitificado como herói e João Suassuna inscreveu-se nas páginas da história como representante das elites reacionárias que controlavam o poder nos sertões.

Filho dessa elite ruída, Ariano Suassuna tenta sobreviver ao caos das referências negativas, utilizando a arte (em nosso caso específico, a literatura) na vereda do sonho e da realidade, inventando outras vidas, outros enredos. Histórias em grande medida suscitadas pela saudade do pai e do sertão: o pai em sua ausência irremediável e o sertão do qual se viu apartado pelas conjunturas políticas; sertão que atravessa as fronteiras espaciais e faz morada na alma de Suassuna em Recife, onde vive desde adolescente. O litoral da memória canvieira é o seu espaço de produção literária e os sertões longínquos e fronteiros entre a Paraíba e Pernambuco é o seu objeto, a inspiração de sua obra, espaço pelo qual advoga a legitimidade de um caráter universal da cultura.

Na memória de Suassuna as cenas da infância vão se moldando de modo a inspirar suas produções como atesta Maria Aparecida L. Nogueira (2002, p.85):

Os casarões antigos, o turbilhão vivido por ele e sua família com o assassinato paterno, as perseguições, as constantes mudanças, as aventuras sertanejas, marcaram-no definitivamente.

A saudade é dupla: sertão e pai são os elementos norteadores de sua visão de mundo. A noção de ordem e desordem pode ser evidenciada ainda como reflexo da morte do pai:

Mesmo com a dor pela perda, elemento criador da desordem, o encanto e o deslumbramento de uma infância vivida em fazendas do sertão, elemento criador da ordem, parece ter permanecido em suas reservas de memória.

O sertão, portanto é um espaço presente no *Romance d'A Pedra do Reino* pelo desejo que seu autor tem de restaurar, de recriar a partir de elementos tradicionais tudo aquilo que ele julga ser a riqueza constituinte de sua identidade espacial. Tal processo de identificação é confeccionado pela memória que atua no sentido de negar as armadilhas do processo histórico e consolidar uma a-historicidade do espaço sertão através de seu deslocamento para o passado. Um espaço regido pela memória, ou seja,

um espaço de memória, e que se apresenta no *Romance d'A Pedra do Reino* mesclando as saudades e memórias de dois sujeitos: Ariano Suassuna (o autor) e Pedro Diniz Quaderna (narrador e personagem principal do referido romance).

A memória de Ariano/Quaderna imbrica na trama do romance uma gama de temporalidades e contextos diversos. Ambientado na década de 1930, o *Romance d'A Pedra do Reino*, traz à tona a tentativa de decifração do enigma da demanda novelosa que se dá no meio rural do sertão, mais precisamente nos limites da Vila de Taperoá e que envolve *a priori* a morte misteriosa do tio-padrinho de Quaderna, D. Sebastião Garcia-Barreto e o subsequente desaparecimento “profético” de seu filho Sinésio ambos ocorridos em 1930 e o reaparecimento de Sinésio em 1935 relacionados ainda aos acontecimentos messiânicos nos sertões pernambucanos em 1836-1938.

Entre os fatos históricos prioritariamente retratados estão: a Coluna Prestes (1926), a Guerra de Princesa (1930) e a Intentona Comunista (1935). Tais fatos ligam-se na trama ao mistério que ronda o enigma da demanda novelosa narrada por Quaderna e confluem no período da Revolução de 1930, a qual é também um desdobramento da Guerra de Princesa ocorrida nos sertões paraibanos.

Nesse emaranhado de fatos históricos encontra-se novamente o fato trágico que demarca a vida de Ariano Suassuna: a morte de seu pai, assassinado em meio aos conflitos políticos concentrados e disseminados nesses fatos. Interliga-se a história da Paraíba à história do Brasil no plano político, a ação comunista, os eventos messiânicos de um século antes bem como a alusão aos eventos messiânicos ocorridos nos sertões por todo o decorrer do século XIX e ainda nas primeiras décadas do século XX.

Como lembra Farias (2006) uma mescla de eventos políticos e eventos messiânicos situa o sertão no cerne de uma tensão entre as marcas da história e do mito demarcada pela temática do sebastianismo presente na obra. Há também uma fusão de espaços distintos, como, por exemplo, a Península Ibérica envolta de suas raízes medievais, a fronteira entre os sertões da Paraíba e Pernambuco, os espaços sacralizados nas narrativas bíblicas como o deserto da Judéia, a conexão entre os lajedos da Pedra Bonita em Pernambuco e aridez de Taperóá. Enfim, coabitam na idéia de sertão toda uma gama de realidades temporais e espaciais na tentativa de harmonizá-las num só discurso. O sertão passa a ser então, o cenário que abriga as lutas e dramas das mais distintas realidades geográficas.

A experiência pessoal no contexto do sertão, a visualização de seus aspectos tradicionais elucidados nas manifestações populares, os eventos políticos e messiânicos

que demarcam a historicidade desse espaço, as referências de toda a sua criação literária, tudo isso corrobora na recriação suassuniana do sertão sob a marca de um reino em um processo no qual esse espaço é reescrito, reelaborado historicamente.

O *Romance d'A Pedra do Reino* já condensa em seu título a poética da visão do autor acerca do sertão: o sertão de Ariano é um reino construído natural, cultural e miticamente em torno da idéia de pedra. Tal sertão representa o lado rural do Brasil e do Nordeste, inserindo-se desse modo, numa reflexão sobre a tradição e as permanências; é em busca dessas últimas que Suassuna recorre às marcas medievais que passeiam no sertão, a fim de atribuir-lhes “nobreza”, valoração, referência clássica e erudita. Isso porque o medieval que recobre o sertão está ligado – além da tradição e do mundo rural – ao popular, as manifestações artísticas e culturais do sertão imbricadas em toda uma rede de significações sociais, tudo caminha para um processo contínuo de hierarquização da realidade social através de seus indivíduos, sua leitura de mundo e sua ligação com o espaço.

O sertão, esse espaço do qual advém e reinou seu pai necessita ser reinterpretado seja em meio a todos os seus códigos identitários postulados como também em todas as possibilidades. É história familiar de Suassuna e a história cultural do sertão que necessitam de novos olhares. Sua obra está a serviço desse esforço.

Na febre de sua história pessoal e familiar protagonizada no espaço Nordeste e reconstruída poeticamente sob o signo do sertão, Ariano explora as suas memórias e numa atitude intelectual adentra numa pesquisa incansável em busca das heranças e associações feitas a partir da memória coletiva que servem a uma identificação/significação cultural e histórica do sertão. Um esforço estético demasiado peculiar faz surgir paralelamente a própria escritura do *Romance d'A Pedra do Reino*, o Movimento Armorial⁵. Tal esforço expõe e concentra as bases da compreensão e produção de uma visão de cultura que confere ao sertão o código de “reino”.

Contudo, essa fabricação do sertão como um reino não remete somente a edificação de um olhar cultural. Falar de cultura e eleger o sertão como centro apoteótico de todas as manifestações culturais não é somente uma peculiar demanda

⁵ Toda essa estética evidenciada em sua obra e defendida por Ariano Suassuna encontra-se plasmada no Movimento Armorial, lançado na mesma época do *Romance d'A Pedra do Reino*. Tal estética defende a conciliação das artes populares e eruditas tendo como matéria-prima a literatura popular de cordel, ou seja, “a reelaboração erudita a partir de um modelo popular”, como destaca Lígia Vassalo (1993). Nesse movimento está traduzida a noção heráldica da cultura que segundo Suassuna representa essa “interação” entre o popular e o erudito.

intelectual. Em nosso modo de ver, essa própria demanda intelectual que age no sentido de erguer como reino metafórico da cultura brasileira o sertão nordestino, essa missão de toda uma vida literária ativa repousa e tem como seu embrião a reconstrução da figura do pai. Tal reconstrução tem um substrato pessoal e íntimo no qual falar de cultura, falar do sertão é para Ariano Suassuna falar de si, de sua história familiar, é por fim falar de seu pai, perda irreparável de sua vida, razão de seu demanda intelectual, artística e humana.

Homens e espaços idílicos, imaginados, idealizados a partir do caos da realidade social vigente são os elementos formadores do sertão como um reino. Portanto, para romper a morte de seu pai, a morte que espreita o homem do sertão, a morte ameaçadora da tradição que o trabalho literário de Suassuna reserva um lugar específico para o sertão.

Ao longo das páginas do *Romance d'A Pedra do Reino*, João Suassuna (mesmo implicitamente) e o sertão são elementos norteadores do discurso. No espaço dessa escrita jorra a paixão de Ariano Suassuna por seu pai e a paixão de Quaderna pelo sertão. A presença do pai não pode ser recuperada fisicamente, as lembranças e o esforço de escritor são antídotos para supri-la, razões para homenageá-la. Contudo, quanto ao sertão, apesar de não poder ser desvinculado categoricamente de sua realidade natural, também não pode ser explicado somente por ela. O fanatismo, os conflitos políticos, a dimensão fantasiosa, os mitos, as manifestações culturais populares tudo deve ser reinterpretado sob a ótica da nobreza. O sertão é um reino armorial na literatura suassuniana em variados aspectos e formas, mas especialmente pelo sentimento que o une a memória de João Suassuna. É essa memória, nesse sentimento saudoso que Ariano Suassuna encontra a inspiração para entender e promover uma idéia de sertão distinta e peculiar: o sertão perdeu seu rei, mas continua sendo um “reino”, nem que seja um reino poético e literário.

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. 2. ed. Recife: FJM, Ed. Massagana; São Paulo: Cortez, 2001.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1988.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: _____. À beira da falésia: A história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. UFRES, 2002.

FARIAS, Sônia Lúcia R. O Sertão de José Lins do Rego e Ariano Suassuna, Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. 5ª edição. Campinas/SP: Editora Unicamp, 2003.

NOGUEIRA, Maria Aparecida L. O cabreiro tresmalhado: Ariano Suassuna e a universalidade da cultura. São Paulo: Palas Athena, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. A Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SUASSUNA, Ariano. Almanaque Armorial. Seleção, Organização e Prefácio de Carlos Newton Júnior. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

_____. Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.